
CAMINHOS DO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS: PERCORRENDO VEREDAS

Paths of Contemporary Portuguese Historical Novel: Following Pathways

Aldinida Medeiros¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo mostrar que se vem concretizando uma intensa e diversificada produção de romance histórico contemporâneo na literatura portuguesa. Sabendo da limitação de abarcar toda esta produção para análise, busca-se aqui agrupar os romances em três grandes conjuntos, ainda que sejam em quantidade de uma breve amostragem, para evidenciarmos a possibilidade de um agrupamento destes por temas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura portuguesa; romance histórico contemporâneo; divisão temática.

ABSTRACT: This article aims to show that comes up stating an intense and diversified production of contemporary historical novel in Portuguese literature. Knowing the limitation of production to encompass all this analysis, we seek to group the novels into three large groups, even though they are in a short amount of sampling, to evidence the possibility of grouping this novels by topics.

KEYWORDS: Portuguese literature; contemporary historic novel; thematic division.

*... não me adianta nada procurar resposta ao
Porquê na história a que chamam verdadeira,
tenho de inventá-la eu próprio, outra para
poder ser falsa, e falsa para poder ser outra.*

(Raimundo Silva em *História do Cerco de Lisboa*)

Gênero híbrido entre a ficção e a História, o romance histórico alcança atualmente, principalmente a partir da segunda metade do século XX,

¹ Docente da Universidade Estadual da Paraíba.

o que podemos chamar de um grande momento de explosão editorial. Neste artigo, buscamos apresentar o esboço de uma cartografia do romance histórico português contemporâneo,² considerando que não trataremos da totalidade das obras publicadas até o presente momento, mas esboçaremos um agrupamento daquelas sobre as quais tomamos conhecimento.

O agrupamento de romances históricos por temas e dividido nos três que ora propomos poderia ter sido pensado de outro modo como, por exemplo, em função da cronologia. De outra forma, poderíamos também agrupar os romances históricos contemporâneos de acordo com a data sobre a qual situa o enredo, ou mesmo a data na qual a personagem e o momento histórico estão retratados. Todavia, consideramos uma apresentação privilegiando os temas — ainda que tenhamos feito um grande recorte — a melhor forma de observarmos no terceiro grupo, mais especificamente, um ponto fulcral para as produções de metaficção historiográfica: a vez e a voz dos excluídos da historiografia oficial.

Nesse sentido, os intertextos entre Literatura e História têm-nos permitido descortinar um véu que, levantado, constatou-se espesso. E este tem propiciado à literatura inúmeras possibilidades de um novo mundo ficcional dentro do velho mundo historiográfico.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO

É desde a publicação de *Waverley*, de Walter Scott, considerado por George Lukács (2010)³ o marco deste gênero na modernidade, que o romance histórico contemporâneo vem passando por modificações, sobremaneira, trazidas principalmente pelas mudanças no campo da historiografia a partir das inovações da *École des Annales*.

² Compreendemos que uma cartografia do romance histórico contemporâneo português é matéria para um longo ensaio, a exemplo dos já publicados por Maria de Fátima Marinho (1999) e Miguel Real (2012), que dedicou um capítulo de seu livro a este subgênero do romance. Portanto, limitamo-nos a um breve estudo com o intento de tratar mais especificamente de um agrupamento de obras de acordo com a questão temática.

³ Ano da tradução da obra para o português do Brasil. Este ensaio teve sua publicação original primeira em 1937.

O estudo de Lukács, acima mencionado, tornou-se um clássico dos estudos sobre romance histórico. Mas de lá até os dias atuais, muitos têm-se debruçado sobre o tema para confluírem desses estudos afirmações no sentido de que as ficções históricas reconstróem versões sobre fatos e figuras históricas, discutem o passado, se opõem ao poder.

Portanto, a visão que se tem agora da História resulta num “novo fazer” do romance histórico e advém de um conjunto de aspectos que ganha ênfase com os teóricos do pós-modernismo. No domínio da metaficção historiográfica, o questionamento, a leitura crítica dos registros ou a ironia aos fatos assentados são a tônica para a elaboração de um mundo em parte real e em parte ficcional: o romance. Conforme Hutcheon: “A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (HUTCHEON, 1991, p. 157). É por intermédio da intertextualidade que o romancista reescreve a história de um ponto de vista subjetivo, particular. Nesse sentido, a intertextualidade e a paródia mantêm uma relação de paralelismo no interior da narrativa, uma vez que esta é construída pelo escritor, de forma que se permita uma reelaboração dos fatos referenciais, sem que elas sejam apagadas:

... os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do “mundo” e da literatura. A incorporação textual desses passados intertextuais como elemento estrutural constitutivo da ficção pós-modernista funciona como uma marcação formal da historicidade – tanto literária como “mundana” (HUTCHEON, 1991, p. 163).

Se nos romances de Scott e de seus contemporâneos predominavam a ambientação e o espaço histórico, no romance histórico contemporâneo observamos uma mudança significativa, predominando, notadamente da segunda metade do século XX aos dias atuais, uma revisão da História permeada pela paródia e preenchida de refinada ironia, na maioria das obras dos autores contemporâneos. Na senda desta caracterização, o romance histórico contemporâneo apresenta, além desses elementos, o caráter

reflexivo que leva Elisabeth Wesseling a defini-lo como “a tertiary form of the historical novel” (WESSELING citada por MARINHO, 1999, p. 38). Ainda em paráfrase do mesmo ensaio, ressaltamos três fases do percurso do romance histórico, as quais podemos sintetizar da seguinte maneira: 1) o romance histórico à la Scott; 2) a imitação deste com algumas variantes e 3) as experimentações modernista e pós-modernista. Contudo, é possível considerar que aspectos destas três fases possam aparecer numa mesma obra, pois são características possíveis de coexistirem, não necessariamente seccionadas. Todas estas três fases apontadas por Wesseling fazem parte da trajetória, dos caminhos seguidos pelo romance histórico português.

De fato, isto é o que todos os estudiosos do romance histórico afirmam e buscam evidenciar: as novas possibilidades. São estas o alimento da literatura. Melhor dizendo, é a própria literatura que se retroalimenta. Para muito além da historiografia, o passado só nos chega através da ficção.

Em se tratando da cultura portuguesa, ora, estamos diante de um povo que tem o passado como motivo de glória nacional. Um passado que justifica as impossibilidades do presente e as incertezas do futuro. Nada mais adequado à alma saudosista e nostálgica do português do que o passado e, nele, a História. Ambos, amálgama perfeito para o romance histórico contemporâneo português. Elementos que, aliás, bem anteriormente já mereceram o olhar perscrutador de José Maria Eça de Queiroz n’*A ilustre casa de Ramires*, quando, vivendo um presente decadente, e por presente compreendamos o da narrativa deste romance, o protagonista Gonçalo Ramires busca na vida do seu antepassado, Tructesindo Ramires, um “esplendor de Portugal” dos tempos de outrora.

Portanto, conforme Lukács afirma em *O romance histórico* (2010), o Realismo foi frutífero neste gênero. Temos, pois, na literatura portuguesa, também, exemplos que vão contemplar este período. Além do romance queiroziano mencionado, publicado nos finais do século XIX, António de Campos Júnior, entre 1898 e 1910 (aproximadamente) publicou nove romances históricos, dentre os quais um sobre o Marquês de Pombal e um sobre Luís de Camões. É sina portuguesa olhar para trás. Aspecto tão fortemente presente na cultura lusitana que rendeu já vários ensaios sobre a saudade na literatura portuguesa, o que não é tema deste breve ensaio, mas alinha-se por afinidade, visto que olhar o passado é a força propulsora do romance histórico contemporâneo.

EM BUSCA DE UMA CARTOGRAFIA:⁴
PRIMEIROS PASSOS DE UM ESBOÇO

Um marco na história de Portugal, o 25 de Abril é também marca de mudanças que culminarão em várias áreas, decorrentes da abertura política que muda em muito a sociedade Portuguesa. Sobremaneira no que diz respeito às questões feministas e femininas na literatura e na crítica literária, é o Portugal de lutas desbravadas por autoras como “as três Marias” e o emblemático texto de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), além de outros que abriram caminho para romancistas abordarem assuntos como as guerras com as colônias, a condição feminina e, sobremaneira, permitir a autores e autoras uma escrita mais liberal. Ainda que não se possa notar no Portugal pós-25 de Abril, uma escrita libertária, concordamos com Miguel Real quando este afirma:

Com efeito, a sociedade portuguesa transitou de um regime autoritário de ordem social rígida e impositiva (o Estado Novo de Oliveira Salazar), correspondente na consciência do autor, à obediência estrita a preceitos literários clássicos da *rate* realista, para uma lenta mas progressiva desconstrução das instituições salazaristas (agonia do Império, Guerra Colonial, criação de novos partidos e organizações políticas clandestinas, contestação sindical e estudantil, emigração ilegal na ordem de quase um milhão de portugueses, negação da estrutura clássica da família, movimentos de libertação da mulher...), *que corresponde, no plano estético à emergência da desconstrução das categorias clássicas do romance (personagens, estatuto do*

⁴ Além do exposto na nota n. 2, convém explicarmos que este artigo faz parte da primeira etapa de uma pesquisa maior como trabalho de pós-doutorado, ainda em desenvolvimento, na Universidade de Coimbra, com o objetivo da publicação de um ensaio em livro. Trata-se, portanto, de ratificarmos que não é objetivo nosso, no presente momento, analisar os romances, mas apenas traçar um percurso mais descritivo do romance histórico português contemporâneo, conforme indica o título.

narrador, tempo, espaço, ação, intriga...) (REAL, 2012, p. 18; grifo nosso).

Embora toda esta quebra de “amarras” não tenha acontecido de forma rápida — e um exemplo disso é o que parte da crítica portuguesa dispensará ao romance saramagueano *O evangelho segundo Jesus Cristo* — são deste período de abertura política, e consequentemente cultural, nomes importantes como Lídia Jorge, Mário Cláudio e Fernando Campos, dentre outros, com acentuado destaque para a produção de romances históricos, logo nas primeiras décadas seguintes, por Agustina Bessa-Luís e José Saramago.

Conforme mencionamos na introdução, segue a largos passos a publicação de romances históricos na literatura portuguesa. Alguns apresentam valor considerável estético, outros ficam apenas no ensejo de fazê-lo. Somados todos ao fim, é uma demanda um tanto quanto imensa, sobremaneira nas três últimas décadas. A par das informações anteriores, não é de admirar que o século XX inicie com obras que retomam os mitos portugueses numa bruma de saudosismo e culto aos valores enraizados na cultura nacional: Faustino da Fonseca escreve *Inês de Castro*, com provável data de 1902, e *A arraia miúda*, em 1906. Seguindo ainda este percurso, Antero de Figueiredo traz, entre 1913 e 1924, três romances: *D. Pedro e D. Inês* (1913), *Leonor Teles flor de altura* (1916), *D. Sebastião* (1924).⁵ Afonso Lopes Vieira publica, em 1943, *Pedro o cru*, uma narrativa ainda muito presa aos fatos descritos nos manuais de História. Características estas que observamos bem se compararmos o estilo do romance de Afonso Lopes Vieira a um outro, de Vitorino Nemésio, *Isabel de Aragão rainha Santa* (1936), que nos aponta já algumas mudanças em relação aos demais desse mesmo período, trazendo, conforme Fátima Marinho (1999), uma visão mais crítica e mais irônica da vida da esposa de D. Dinis. Chamamos a atenção para o fato de que Nemésio escreve anteriormente a Afonso Lopes Vieira, mas seu estilo se sobressai como mais inovador. Um pouco mais adiante, também na senda dessas figuras históricas mitificadas, Gentil Marques publica, em 1967, *Rainha santa*. A literatura deste período traz ainda muitos traços do romance romântico. Mas, alguns romances já se configuram como

⁵ Referências citadas a partir de *O romance histórico em Portugal*, de Maria de Fátima Marinho (1999).

obras de transição, como é o caso do mencionado *Isabel de Aragão, Rainha Santa*, de Vitorino Nemésio (1936).

Aliás, muitos são os nomes de autores de romances históricos publicados entre o início do século XX e a década de 60. Contudo, é a partir da década de 60 que Maria de Fátima Marinho situa o marco inicial do romance histórico contemporâneo. Faz-se necessário salientar, a partir de então, o nome de Agustina Bessa Luís, com *Fany Owen*, de 1970, e *Adivinhas de Pedro e Inês*, de 1983, como um dos destaques, sobremaneira porque ela volta grande parte de seus romances históricos para a biografia romanceada, a exemplo, entre outros, de *Florbela Espanca, A monja de Lisboa* e *Sebastião José*.

Alinhar esta literatura em três grupos temáticos leva-nos à seguinte configuração:

- Uma grande parte de autores que retomam figuras históricas consideradas mitos na cultura e literatura portuguesas, seja para, através da ironia reconfigurá-las, seja para, colocando-as em segundo plano ou como personagens *in absentia* (recorrendo aqui ao conceito empregado por Cristina Vieira, 2004). Neste grupo, podemos fazer uma subdivisão se consideramos a grande quantidade de romances que retomam a Idade Média.
- Uma linha de escritores que busca retratar o período da República, salazarismo e o pós-salazarismo, os acontecimentos imediatos à Revolução dos Cravos, ou seja, os anos de retomada da democracia e desenvolvimento de Portugal. Ou porque não agradam as lembranças do período aos escritores, ao reconfigurarem uma etapa fascista, portanto funesta da História, ou porque as figuras históricas de maior destaque são mais sedutoras, ou porque convém melhor criar sobre a gente do povo, o que se percebe é que este segundo grupo não conta com uma grande quantidade de romances.
- Já no terceiro grupo, há uma quantidade bem considerável de romances que retomam sagas familiares e/ou personalidades menos destacadas na História, mas que não estão centrados nos reis e rainhas ou figuras mitificadas. Nesse agrupamento, podemos citar romances que tratam, por exemplo, de judeus, negros, padres, nobres, escravos e servos, ou seja, das gentes desconhecidas, quase anônimas para a História ou gentes da arraia miúda. São Baltasares e

Blimundas, gentes que trabalhavam de sol à lua, pois não nasceram nas castas nobres, embora alguns retratados delas também façam parte dos enredos. Interessa-nos evidenciar que neste terceiro grupo não incluímos romances que tratam de figuras como Isabel de Aragão, Afonso Henriques ou Padre António Vieira.

FIGURAS E ACONTECIMENTOS QUE A HISTORIOGRAFIA CONSAGROU

No primeiro grupo, considerado o das figuras históricas referenciais e/ou acontecimentos que a historiografia consagrou, podemos citar romances que retomam a figura dos reis, rainhas, escritores e outras figuras consagradas pela historiografia. Neste caso, inserimos aqui os vários romances retomando o tema inesiano, retratando, cada um de modo bem peculiar, o amor de D. Pedro, o cruel e justiceiro, e Inês de Castro.⁶ Também romances que retomam a figura de Leonor Teles,⁷ uma rainha a quem chamam ao mesmo tempo de aleivosa, adúltera, mas também Flor de Altura. É grandiosa a narrativa em tom confessional que a narradora-personagem desenvolve no romance de Seomara da Veiga Ferreira, presa em Tordesilhas, tendo como suposto ouvinte o Frei Juan. Todo o seu discurso de protagonista se volta em favor de resgatar sua imagem, lembrando que a História por vezes é carrasca para muitos, a depender do ponto de vista de quem a escreve.

E, se o critério é trazer como protagonista uma figura histórica de relevo para a historiografia, a vida e canonização de Isabel de Aragão, a rainha do milagre das rosas, rendeu três romances de autores portugueses e um de autoria espanhola. São respectivamente: *Isabel de Aragão, rainha santa*, de Vitorino Nemésio, com primeira edição em 1936; *Os pecados da rainha santa Isabel* (2002), de António Cândido Franco; *Onde vais, Isabel?* (2008), de Maria Helena Ventura, e *Memórias da rainha santa* (2009), de

⁶ Além do romance da autoria de Agustina, já mencionado, constam *Memória de Inês de Castro* (1990), *Inês de Portugal* (1997), *Inês de Castro na vida de D. Pedro* (reedição em 2002); *A rainha morta e o rei saudades* (2004), *O amor infinito de Pedro e Inês* (2005), *Inês de Castro: a estalagem dos assombros* (2007), *Minha querida Inês* (2011).

⁷ *Leonor Teles ou o canto da salamandra* (1999), *Rosa brava* (2005); de autoria espanhola: *Eu, Leonor Teles, a dama maldita* (2006); e *Vida ignorada de Leonor Teles* (2009).

Maria Pilar Queralt Del Hierro. Destes, destacamos a subversão do mito pelo lisboeta e poeta António Cândido Franco.

Falar, aliás, sobre os romances de António Cândido Franco, é falar na(da) sua singularidade autoral, em um estilo incomparável. Basta que ilustremos como a voz narrativa define o romance sobre Isabel de Aragão:

Convenço-me que o falhanço dos trabalhos que se escrevem sobre Isabel de Aragão se deve a esse facto. Nenhum está disposto a assumir a genealogia da princesa aragonesa, dela tirando consequências de monta para a pintura da personagem. Apresentam-nos por isso uma Isabel inverossímil, insignificante, ridícula, postiça, tirada por uma cartilha de convenções tão artificiais como pósteras (CANDIDO, 2010, p. 21).

Nos seus ensaios e conferências, endossa a linha do saudosismo de Teixeira de Pascoaes e imprime em sua escrita romanesca sempre uma aura mítica para suas personagens. Não se furtou nem a atribui-la a Leonor Teles, a quem Fernão Lopes fez o possível para pintar como um diabo de saias, com uma aleivosia de que pretendia entregar Portugal a Castela. É, pois, intrigante a aura de sensibilidade e altruísmo que circunda a Leonor Teles de António Cândido Franco em *Vida ignorada de Leonor Teles* (2010). Sobre seus romances, Miguel Real afirma:

Assim como João Aguiar, a singularidade de António Cândido Franco no panorama da literatura portuguesa reside no facto de ser o único autor de romances históricos cujo objetivo de trabalho supera a descrição do mero arranjo histórico circunstancial, envolvendo e integrando este no campo de uma teoria da cultura portuguesa (REAL, 2012, p. 219).

E se algum ficcionista português merece premiação pelo modo singular como traz para o romance os mitos portugueses, a escrita de Cândido Franco outorga-lhe esta condição. Deste autor registramos também *Vida de Sebastião rei de Portugal* (1993).

Ainda sobre o mito sebastianista, *A ponte dos suspiros* (2002) traz um dos grandes enredos da verve histórica de Fernando Campos.

Optando na maioria das vezes pela biografia romanceada, Agustina Bessa-Luís escreveu sobre Florbela Espanca, Sebastião José, — neste caso preferiu o nome próprio ao título de Marquês de Pombal, — e Santo Antônio de Lisboa. Seu estilo é caracterizado pela ironia, mas também, em alguns casos, por uma espécie de tese sobre a figura histórica escolhida. No caso das *Advinhas de Pedro e Inês* (1983), Agustina desenvolve a tese de bigamia: Pedro já se teria casado com Inês quando desposou Constança Manuel.

Peregrinação de Barnabé das Índias (1998), de Mário Cláudio, é uma narrativa longa, na qual Vasco da Gama e Barnabé, um judeu falsamente convertido, já na velhice, recordam a viagem às Índias. Padre Vieira é narrador de sua própria história em *Antônio Vieira, o fogo e a rosa* (2002), de Seomara da Veiga Ferreira. *A musa de Camões* (2006), de Maria Helena Ventura, fala do amor impossível entre o grande poeta e a infanta D. Maria, e remete ao período histórico do reinado de D. Manuel. Observamos, portanto, que vários romances retomam seu reinado. Na linha de romancear a vida de escritores, figuras históricas referenciais, Luís Rosa escreveu *Bocage: a vida apaixonada de um genial libertino* (2007). A inserção de versos em meio à prosa traz um diferencial literário para este romance do mesmo autor de *O amor infinito de Pedro e Inês*. Este com uma estética melhor que aquele.

Outrossim, parece-nos caro aos escritores romancearem a vida de seus pares. Mário Cláudio homenageia Eça de Queiroz em *As batalhas do caia* (1995), a partir de um manuscrito de um romance com este título, iniciado por Eça, mas não concluído.

É quase interminável a lista de romances sobre reis e rainhas de Portugal. Alguns deixam muito a desejar na qualidade estética. Afigura-se que exista um afã, por parte de alguns escritores, de registrar o nome na lista dos romances históricos portugueses, esquecendo-se, alguns, da qualidade poética tão necessária à prosa.

A DITADURA SALAZARISTA E O PÓS 25 DE ABRIL COMO TEMAS

Neste grupo, situamos o retrato da época de um Portugal em transição, — do período da ditadura salazarista para o período pós-ditadura, — a chamada “trilogia dos cafês”, de Álvaro Guerra. O conjunto compreende os romances *Café república*, que contempla de 1914 a 1945, *Café Central*, de 1945 a 1974 e *Café 25 de abril*, que, como o próprio nome aponta, vai-se deter nos acontecimentos da marcante data da Revolução dos Cravos. A trilogia, segundo Fatima Marinho (1999), apresenta, ainda, embora sejam narrativas do século XX, um certo retorno à tradição do romance oitocentista, com a preocupação de recriar com exatidão coordenadas relativas ao espaço e ao tempo e de apresentar com uma certa exatidão as três gerações que participaram do desenrolar histórico dos acontecimentos deste período.

Aqui não se pode deixar de mencionar alguns nomes do Neorrealismo português, do qual destacamos Alves Redol com *Gaibéus* (1939), para o qual realizou um amplo trabalho de campo, deslocando-se repetidas vezes à Lezíria, uma sub-região do Ribatejo. *Gaibéus* não é apenas o romance que marca o início do Neorrealismo português, mas é também um romance que mostra duas diferentes mentalidades em disputa, numa realidade triste da vida de trabalhadores daquela região. Redol, morador de Vila Franca de Xira, consegue evidenciar em minúcias a desunião entre gaibéus e rabezanos, respectivamente camponeses dos minifúndios e os dos latifúndios dos arrozais.

Depois do Neorrealismo, um romance que supera expectativas é *Levantado do chão* (1980), de José Saramago. Este é um retorno aos momentos de transformações na História do século XX; um Portugal no qual se constata a exploração latifundiária no Alentejo.

Saramago mostra, de um lado, as mudanças políticas que afetam a vida dos trabalhadores rurais sem que eles se deem conta e, de outro, a exploração dos senhores latifundiários e evidencia que a base da repressão política é a repressão social e a econômica, evidenciando, conforme Marinho (1999), que os acontecimentos marcantes da sociedade portuguesa e europeia vão sendo enunciados pela mesma indiferença em relação ao latifúndio. A ironia interpenetra o texto nas referências às duas guerras mundiais, à guerra colonial ou à revolução do 25 de Abril, mesmo se esta “[...] levanta o véu da esperança”. Nesse sentido, o espírito crítico de Saramago sabe bordar, como nenhum outro, a ironia, pois, mais do que costura e cosa, a ironia é relevo na escrita do autor de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, romance marcante na

obra de Saramago que lhe rendeu enorme incompreensão por parte da crítica, o que fez com que o autor optasse por ir viver em Lanzarote, Espanha. *Levantados do chão* é um romance menos observado pela crítica que os demais, no conjunto da obra saramagueana, mas apresenta a mesma agudeza do olhar acurado com o qual o seu autor prescricou sempre a sociedade portuguesa:

Então chegou a república. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs e as mulheres menos da metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A república veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, se o havia, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que sempre foi o mais fácil. [...] O latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil réis, dez vezes a jorna de um homem (SARAMAGO, 2010, p. 33).

É fácil, portanto, admirar a habilidade de sua mão, tecedora do relevo irônico, no romance histórico, ainda que ele não se queira escritor de romances históricos, e mestra, quando aponta o problema social sem torná-lo maior do que a dimensão estética, peculiar aos seus romances.

A HORA E A VEZ DA VOZ EXCLUÍDA PELA HISTORIOGRAFIA

Do terceiro grupo, o de romancistas que retomam sagas familiares e/ou personalidades menos destacadas na História, — nesse caso compreendamos figuras que não têm a mitificação de Inês de Castro ou D. Sebastião, — podemos destacar *A quinta das virtudes* (1990) e *O pórtico da glória* (1997), de Mário Cláudio. Sobre este primeiro, é uma saga familiar iniciada no século XVIII e o tempo da narrativa se estende até o período da morte de D. Maria II, 1853. Marinho assevera:

Não encontramos, como nos romances históricos de oitocentos, ou até mesmo nos dois últimos de Álvaro

Guerra, uma trama cujo fim ansiamos por saber, mas o devir contínuo de uma família, suas relações com o lugar e o tempo em que está inserida. É esta passagem do tempo que a sucessividade das varias gerações prefigura e que se insere na tentativa de narrativizar o que, em princípio, não tem *história*, que Mário Cláudio consegue, através de vários artificios, que vão desde o uso de perifrásticas, futuros e condicionais, até à focalização parcial de factos históricos, dar a exacta dimensão da vida do homem comum, que facilmente se torna esquecimento... (MARINHO, 1999, p. 159).

Tão importantes quanto os romances de Mário Cláudio são também *A casa da cabeça de Cavalo*, de Teolinda Gersão, um romance bem ao estilo dialógico, em que a memória dos mortos vem acompanhada de fina ironia. A casa da cabeça de cavalo é um lugar em que a metáfora do tempo é o próprio cavalo. E entre tantas personagens em diálogos que aliciam qualquer adepto do plurilinguismo bakhtiniano, Maria Badalo é não apenas a voz dos desfavorecidos como a voz feminina de tanto tempo relegada à submissão.

Com um estilo um tanto quanto voltado para o romance policial, mas contendo imagens do grande abalo que os judeus sofreram no reinado de D. Manuel, apontamos *O último cabalista de Lisboa*, uma obra sobre a morte de Abraão Zarco, patriarca de uma família que morava na Pequena Judiaria, último grande iniciado na Cabala, em Lisboa. O enredo faz lembrar os caminhos semióticos de pistas e investigação de *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Mas, da escrita de Richard Zimler, podemos usar o termo de uma influência sem angústia. A saga tão bem iniciada com o último cabalista continua no romance *Goa ou o guardião da aurora* (2011), com primeira edição em 2005, cujas personagens são os descendentes da família Zarco (subentenda-se aqui descendentes de Berequias Zarco, que conseguiu fugir de Lisboa, após o massacre de 1506, no romance acima mencionado), vivendo em Goa à época do reinado de Dom João III.

Leonor Távora, a quem o marquês de Pombal declarou como uma das culpadas pelo assassinato de D. José II — no que veio a ser o histórico massacre dos Távoras —, protagoniza o romance *Leonor Távora: o tempo da*

ira (2002), da autoria de Luís de Lencastre e Távora, que apresenta como uma das hipóteses para a acusação do Marquês de Pombal aos Távoras a grande proximidade entre a Marquesa e seu confessor, o padre Malagrida.

Um escritor que resgata com genialidade o pícaro, no romance histórico, é Paulo Moreiras, em *A Demanda de D. Fruas Bagatela* (2002) e *O ouro dos corcundas* (2011). Neste terceiro grupo, não podemos deixar de lembrar Lídia Jorge, com *O vento assobiando nas gruas* (2002), a história de uma família recém-chegada da África, a família de Milene Leandro. O enredo está centrado na história de uma velha fábrica que se cruza com a história da família de Milene, em um mundo distante entrecruzado com um mundo contemporâneo, representado pelas gruas, símbolo da transformação da sócio histórica do Algarve.

Neste grupo inserimos também *A dama negra da ilha dos escravos* (2009), sobre a vida de D. Simoa Godinha, uma negra que se torna, pelo casamento, parte da corte lisboeta e deixa grande parte de sua fortuna para o Hospital da Misericórdia, de Lisboa. É um romance que começa tratando de sua vida e da vida dos povos escravizados, na Ilha de São Tomé, e estende-se até seus dias finais, já viúva, vivendo na cidade de Lisboa. Outro de seus romances históricos tem Damião de Góis e Beatriz de Luna — “A senhora”⁸ — como personagens de uma história sobre três gerações de uma família de judeus; mostra as torturas a que foi submetida a personagem Sara de Leão, n’*As fogueira da inquisição* (2011).

Além do romance de Silva, os judeus e a inquisição são temas recorrentes, pois se tornam o motivo de *Aos olhos de Deus* (2008), de José Manuel Saraiva. Neste, além de tratar-de do episódio de 1506, que abalou toda a gente sefardita residente em Lisboa e dizimou família inteiras do bairro da Pequena Judiaria, o enredo aborda também a comitiva que seguiu em nome de D. Manuel para prestar homenagem ao Papa Leão X. O texto

⁸ Beatriz de Luna é o nome católico que recebeu Grácia Nasi. Vinda de Castela, com a família, fugindo da Inquisição, casou-se em Portugal com um rico comerciante judeu, Francisco Mendes. Neste romance, Ana Cristina Silva retrata o esforço que ela e o esposo fizeram para retirar inúmeros judeus de Portugal a salvo da Inquisição. A francesa Catherine Clément escreveu um romance histórico intitulado *A senhora*. Sabe-se que foi “Alain Oulman (colaborador e herdeiro da editora de livros francesa Calmann-Levy) quem convenceu Catherine Clément a escrever *A Senhora* (1981-1989). Era uma história que ele conhecia bem, por ser sobrinho de uma mulher que acreditou ser uma reencarnação de Beatriz de Luna” (Trecho retirado de <<http://portugal-mundo.blogspot.com.br/2012/07/gracia-nasi-uma-historia-de-vida.html>> 29.jul.2013).

menciona diversas figuras históricas do período, inclusive o poeta italiano Pietro Aretino, famoso por seus poemas de lirismo erótico.

Também escritos já neste século XXI, dois romances sobre a conceituada poetisa árcade: *Marquesa de Alorna*, de Maria João Lopo de Carvalho, e *As luzes de Leonor*, da autoria de Maria Teresa Horta, ambos lançados em 2011. Apesar de tratarem da mesma figura histórica, apresentam estilos em tudo diferentes. O enfoque de Maria Teresa Horta vai muito mais para o lado intelectual de Leonor, apresentando a Marquesa como uma mulher pensante do Século das Luzes, enquanto o de Maria João Lopo de Carvalho enfoca mais o lado humano, ainda que mostre também sua trajetória como escritora. Como já se sabe da escrita inconfundível e marcante de Maria Teresa Horta, ela nos lega uma história que não só reconstitui a época, mas também nos faz mergulhar no mundo de Leonor de Almeida Portugal.

Interessa destacar que, neste grupo em que reis, rainhas e figuras históricas famosas ou estão em segundo plano na narrativa, ou aparecem aliados a figuras do povo, há uma vasta lista de romances publicados, com destaque para os de Júlia Nery: *Crónica de Brites* (2008), que traz uma irreverente e inusitada história sobre a famosa padeira de Aljubarrota, — Brites, que, embora não tenha nascido hermafrodita, torna-se uma espécie de mulher-homem com dupla natureza e, quando o seu lado masculino aflora, transforma-se no Almeida, — e *Da Índia com amor* (2012), sobre as Orfãs de El Rei enviadas para a Índia. São histórias que buscam trazer para o plano de protagonista a voz feminina, através de personagens que a história pouco ou quase nada valorizou. Exatamente por este motivo é que situamos neste grupo, também, seu livro *Infantas de Portugal*. Apesar de ser a obra protagonizada por infantas, não a situamos no primeiro grupo de romances aqui descritos por compreendermos que trata de vozes femininas, silenciadas ao longo da historiografia.

Também neste terceiro e extenso grupo, inserimos os romances *Quando Lisboa tremeu*, de Domingos Amaral (2010), e *No coração do império*, de Alexandra Vidal (2012). Este último narra uma história de amor entre um gramático do reino e uma escrava negra, retratando também o reinado de D. Manuel; já o primeiro trata mais especificamente do grande terremoto de 1755, que destruiu quase toda a cidade de Lisboa. Em *Quando Lisboa tremeu*, encontram-se como figuras históricas o Marquês de Pombal, — chamado de *O Carvalhão*, como explicado em nota pelo autor, — e o

padre Malagrida, confessor do rei. O padre Malagrida figura também como personagem de um notável romance, *O profeta do castigo divino: A venturosa vida de Gabriel Malagrida, o jesuíta que tentou salvar Lisboa do terramoto de 1755* (2005), da autoria de Pedro Almeida Vieira, considerado por Miguel Real (2010) uma das grandes revelações do romance histórico contemporâneo português neste século.

Na linha de um enredo que privilegia a espionagem, cinco personagens estão no centro do enredo de *O império dos pardais*, situado também no período do reinado de D. Manuel, da autoria de João Paulo Oliveira e Costa, publicado em 2011. Convém, aliás, observar que o reinado de D. Manuel é período recorrente por parte dos autores de romances históricos, notadamente quando se quer trabalhar com personagens que ficaram secundárias à historiografia. Portanto, reescrevê-la é revê-la criticamente, porque a Literatura, assim como a História, já existia, como bem afirma Raimundo Silva, em *História do cerco de Lisboa*: “O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era” (SARAMAGO, 2011, p. 10-11).

Pensando, pois, sobre a afirmação desta personagem, cada romancista que se propõe a olhar o passado torna-se também, através do romance histórico, uma espécie de revisor. Aliás, a postura de Saramago em seus romances históricos é, *per si*, uma postura questionadora das verdades sacralizadas pelo discurso histórico. De *História do cerco de Lisboa* podemos inferir que o narrador procura fazer o leitor compreender que uma verdade só sobrevive até que outra verdade surja, pois, de acordo com o protagonista: “o mal das fontes, ainda que vezes de intenção, está na imprecisão dos dados” (SARAMAGO, 2011, p. 109). Ou seja, as verdades podem ser diluídas e, se não se desmancham no ar, podem ser dissolvidas pelo tempo, e por outras visões da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, alertamos, mais uma vez, para o caráter inicial de nossa propositura que se configura apenas um esboço dos caminhos do romance histórico contemporâneo português. Neste caso, sabendo-a possível num

posterior momento, em virtude da grande quantidade de obras a serem analisadas, o intento apresentado neste momento resume-se a uma pequena quantidade que não está de modo algum ligada a um juízo de valor. As leituras foram acontecendo entre as necessidades da pesquisa, das práticas em sala de aula e um pouco “ao sabor do vento”, desde quando iniciamos uma pesquisa de doutorado, em 2006. Portanto, cumpre-nos deixar o esclarecimento de que um trabalho com esta envergadura demora mais anos e mais páginas. Todavia julgamos que as obras aqui apresentadas já possibilitam uma amostra do vigor e fulgor com que se instaurou o culto ao romance histórico no Portugal contemporâneo.

É um tema abrangente e longo o romance histórico. É, sobremaneira, sedutor. O tema é por si só inesgotável. Logo, não caberia a intenção de esgotá-lo apenas neste artigo. Sabemos que nossa intenção foi muito mais panorâmica e, portanto, passível de superficialidade. Discutir cada romance aprofundadamente seria impensável no espaço de quinze a vinte páginas. Coube-nos apenas mostrar, em breves nuances, a efusão da produção literária do romance histórico contemporâneo. O caminho está mais que aberto. As veredas da literatura portuguesa, neste momento, indicam que muitos “Raimundos Silvas” estão acordando e fazendo outra história da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, João. *Inês de Portugal*. 5. ed. Porto: Edições Asa, 1999. (Coleção Pequenos Prazeres).

BESSA-LUÍS, Agustina. *Advinhas de Pedro e Inês*. Lisboa: Guimarães Editores, 1983.

_____. *A monja de Lisboa*. Lisboa: Guimarães Editores, 2003

_____. *Sebastião José*. Lisboa: Guimarães Editores, 2003.

CARVALHO, Maria João Lopo de. *Marquesa de Alorna: do cativo de Chelas à corte de Viena*. Lisboa: Oficina do Livro, 2011.

CARVALHO, Mário de. *Um deus passeando pela bruma da tarde*. Lisboa: Caminho, 1994.

CLÁUDIO, Mário. *As batalhas do caia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. *A quinta das virtudes*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

_____. *O pórtico da glória*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

COSTA, João Paulo Oliveira e. *O império dos pardais*. 3. ed.. Porto: Círculo de Leitores, 2012.

DOMINGUES, Mário. *Inês de Castro na vida de D. Pedro*. Lisboa: Prefácio, 2002.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. *A ilustre casa de Ramires*. Lisboa: Verbo, 2006.

FERREIRA, Seomara da Veiga. *António Vieira: o fogo e a rosa*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

_____. *Crónica esquecida D'El rei D. João II*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

_____. *Inês de Castro: a estalagem dos assombros*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

_____. *Leonor Teles ou o canto da salamandra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

FIGUEIREDO, Antero de. *D. Pedro e D. Ignez*. 2. ed. Lisboa: Bertrand, 1914.

_____. *Leonor Teles: flor de altura*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1916.

FONSECA, Faustino da. *História e lenda de Ignez de Castro*. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1910.

FRANCO, António Cândido. *A rainha morta e o rei saudade*. 2. ed. Lisboa: Ésquilo, 2003.

_____. *Memória de Inês de Castro*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990. (Col. Século XX, v. 310)

_____. *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*. 1. ed. Ésquilo, 2010

_____. *Vida de Sebastião, rei de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993.

_____. *Vida ignorada de Leonor Teles*. Lisboa: Ésquilo, 2009.

GERSÃO, Teolinda. *A casa da cabeça de cavalo*. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

GUERRA, Álvaro. *Café central*. 3. ed. Lisboa: O Jornal, 1988.

_____. *Café república*. 8. ed. Lisboa: O Jornal, 1988.

_____. *Café 25 de abril*. Lisboa: O Jornal, 1987.

HIERRO, Maria Pilar Queralt Del. *Eu, Leonor Teles: a dama maldita*. Lisboa: Esfera do Livro, 2006.

HORTA, Maria Teresa. *As luzes de Leonor*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.

JORGE, Lúcia. *O vento assobiando nas gruas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.

Moreiras, Paulo. *A Demanda de D. Fuas Bragatela*. Lisboa: Casa das Letras, 2012 (1ª. Edição 2002).

_____. *O ouro dos corcundas*. Lisboa: Casa das Letras, 2011.

NEMÉSIO, Vitorino. *Isabel de Aragão rainha santa*. [Portugal] Alfragide: Leya, 2011.

NERY, Júlia. *Crónica de Brites*. Lisboa: Sextante, 2010.

_____. *Da Índia com amor: a extraordinária e desconhecida aventura das mulheres portuguesas na carreira da Índia*. Lisboa: Sextante, 2012.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: (1950 – 2010)*. Lisboa: Caminho, 2012.

ROSA, Luís. *Bocage: a vida apaixonada de um genial libertino*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

_____. *O amor infinito de Pedro e Inês*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

SARAIVA, José Manuel. *Rosa brava*. Oeiras: Oficina do Livro, 2005.

_____. *Aos olhos de Deus*. Lisboa: Oficina do Livro, 2008.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 1989.

_____. *Levantado do chão*. 8. ed. Lisboa: Caminho, 1988.

SILVA, Ana Cristina. *A dama negra da ilha dos escravos*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

_____. *As fogueiras da inquisição*. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

TORRÃO, Cristina. *Afonso Henriques, o homem*. Lisboa: Ésquilo, 2008.

VIDAL, Alexandra. *No coração do império*. Lisboa: Matéria Prima Editores, 2012.

VIEIRA, Afonso Lopes. *A paixão de Pedro o cru*. Lisboa: Sá da Costa, 1943.

VIEIRA, Cristina da Costa. *A construção da personagem romanesca*. Lisboa: Colibri, 2008.

VIEIRA, Alice. *Os profetas*. Alfragide: Editorial Caminho/Leya, 2011.

REDOL, Alves. *Gaibéus*. Lisboa: Caminho, 2011.

ZIMLER, Richard. *Goa ou o guardião da aurora*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

_____. *O último cabalista de Lisboa*. Porto: Quetzal Editores, 1996.

Data de recebimento: 25 de abril de 2014

Data de aprovação: 30 de maio de 2014